



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS

**Todos e Todas, no Mesmo Barco**

Como ilhéus que somos, a viver sobre pedaços de terra rodeados pelo mar por todos os lados, percebemos logo, e bem, a expressão popular, “Estamos todos no mesmo barco” - expressão que, por razões óbvias, ajustaria para: “Estamos todos e todas no mesmo barco” na situação atual que vivemos, fruto dos riscos e danos que o novo coronavírus nos apresenta.

Se pensarmos bem, a transversalidade da presente situação humana, cada um de nós ameaçado e ameaçada pelo COVID-19, é a expressão cabal de que somos mesmo iguais, por mais que possamos diferenciar e discriminar, teimando manter as estruturas e mentalidades da desigualdade.

As próprias línguas são disso manifestação, pois, por exemplo, a expressão do “barco” acima referida é exatamente igual em italiano - “Siamo tutti sulla stessa barca” - e em inglês - “We’re all in the same boat”. No espanhol “Estamos en esto juntos” é que diverge nas palavras, possivelmente por razões históricas e culturais, mas o significado mantém-se constante.

Prosseguindo nesta reflexão, chamo atenção para o verbo “estar” da expressão referida, utilizado no português para indicar uma situação temporária, em contraste com o “ser” mais permanente, digamos assim, duas ideias reunidas no verbo “to be” em inglês.

É este o verbo da expressão “Somos de carne e osso”, outra realidade que temos bem presente e que se traduz em “We’re flesh and blood” em inglês. Somos, todos e todas, carne, osso, sangue, vivendo a ameaça do novo coronavírus. ♦

8 de Março Dia Internacional da Mulher

Enquanto existirem desigualdades as mulheres marcham, senão o mundo pára!

MARIA JOSÉ RAPOSO
UMAR.Açores

Dia 8 de Março, ontem, hoje e amanhã, celebrar, comemorar, recordar outros tempos e preparar o futuro que não se avizinha igualitário para as mulheres. Oficializado pela ONU em 1975, é celebrado para reconhecer as conquistas sociais, políticas, culturais das mulheres e como oportunidade para continuarmos a reivindicar a igualdade de direitos. Serve para se refletir sobre os comportamentos de homens e mulheres nas esferas profissionais e familiares. Para compreendermos a necessidade das transformações...

Hoje ambos os elementos do casal têm uma atitude ativa face ao trabalho, garante de subsistência e imprescindível para a harmonia familiar e melhor qualidade de vida - as mulheres ainda são as principais responsáveis pela execução das tarefas domésticas e pela prestação de cuidados à família.

A UMAR-Açores em parceria com mais de 20 instituições/ as-



sociações, levou para a rua a Marcha, integrada na MMM e na 5ª Ação Internacional 2020, sob o lema Resistimos para viver, Marchamos para transformar.

A concentração ocorreu nas Portas do Mar, Tentoriun, com cânticos e apelos para que tod@s viessem marchar.

De forma compacta e de resistência subiram a rampa do vulgo Pesqueiro, dirigindo-se no pas-

seio da Avenida Marginal o aglomerado d@s marchantes fizeram uma pausa diante das escadarias das Portas do Mar, conhecido pelo Porto dos Cruzeiros, apelando a um mundo verde, saudável, onde o ambiente possa “viver” em harmonia com a humanidade.

A caminho das Portas da Cidade, sentia-se de forma visível e sonora o apoio da população, ora

enviando-nos palavras de apreço e ação, ora buzinando e fazendo acordos de apoio. Chegados/as às Portas da Cidade a massa humana era bastante considerável. Organizaram-se em fila. Vedaram os olhos e ao som do batusque do tambor, em alto e bom som “revoltaram-se” contra “O Violador És Tu” ação performativa com disseminação mundial. Percebendo que os/as espectadores/as ansiavam por participar na performance, literalmente deixou de haver espectadores/as e a Praça das Portas da Cidade foi um palco, um imenso palco de vontades cívicas e de civismo. Ao som do batusque e para além da letra, tod@s puderam com a expressão corporal enviar a mensagem ao Mundo, ao país e aos Açores - nenhum direito a menos. ♦

Março 2020**Janela sobre o passado...**SUSANA
SERPA SILVA

Se no passado mais remoto várias mulheres portuguesas desempenharam um papel de relevo, que se traduziu numa notável influência social e política, quanto mais nos aproximamos do nosso tempo esse número aumenta, até porque se torna possível conhecê-las melhor devido à maior abundância de fontes. Não obstante, nem sempre a historiografia destaca devidamente estas mulheres portuguesas ou residentes em Portugal, cujo papel e ação não foram despiciendo na época em que viveram. Relativamente ao século XVIII, por exemplo, “mesmo das rainhas e princesas se fala menos do que merecem seus méritos: Maria Ana de Áustria que foi regente e terá favorecido a ascensão de Pombal, esposo da sua compatriota; a princesa do Brasil depois rainha, D. Mariana Vitória, (...), culta e capaz; a 3.ª Marquesa de Távora, D. Leonor Tomásia, que reunia nos seus salões os inimigos do

Marquês de Pombal e foi executada com seu marido e primo, (...). Na nobreza, o Embaixador de França, homem difícil e pouco simpático para com as portuguesas, admira a Condessa de Vimieiro e, embora a deteste, é finalmente levado a reconhecer os talentos de Alcipe. A vida da

Condessa d'Oyenhausen, nascida Alorna, não foi fácil” (Gentil da Silva, 1982: 151-152).

É precisamente esta aristocrata que hoje nos propomos destacar. Leonor de Almeida Portugal e Lencastre, Marquesa de Alorna (1750-1839), nasceu no seio de famílias nobres, mas teve uma infância atribulada devido às perseguições do Marquês de Pombal, uma vez que seus pais e avós eram parentes dos Marqueses de Távora. Leonor, posteriormente conhecida como Alcipe, chegou a ser presa com a mãe e viveu no exílio. No regresso a Portugal, ainda muito jovem, dedicou

grande parte do seu tempo à leitura, à composição de poesias e à pintura. Depois de casar com um militar de ascendência austríaca, viveu no Porto e em Viena, onde também ganhou notabilidade como poetisa e pintora. De regresso a Portugal, ficou viúva, dedicando-se à educação dos filhos e a práticas beneficentes, sendo nomeada dama de honor de D. Carlota Joaquina. Voltaria a viver no estrangeiro durante as invasões francesas, mas regressou ao país natal, em 1815, reivindicando os vários títulos e vínculos deixados por morte de seu irmão. Deixou numerosa obra poética, publicada após a sua morte e alguns ensaios sobre religião e literatura. Como refere Cecília Barreira, além de iniciadora do romantismo português, a Marquesa de Alorna foi também dinamizadora de salões e tertúlias literárias onde Alexandre Herculano, ainda jovem, pontificou (Barreira, 1994: 155). ♦

susana.pf.silva@uac.pt